

PODER

Na festa dos 45 anos do PT, presidente afirma que o partido está unido graças ao esforço da deputada. Ela é considerada nome forte para a Secretaria-Geral da Presidência

Divulgação/PT



Ida de Gleisi (com Lula e Janja) para o Palácio do Planalto reforçaria a articulação política do governo junto aos movimentos sociais

Cotada para ser ministra, Lula cobre Gleisi de elogios

» MAYARA SOUTO

Diante de iminentes mudanças na equipe ministerial, chamou a atenção os elogios que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez a Gleisi Hoffmann, que está à frente do PT. No evento de comemoração dos 45 anos da legenda, no Rio de Janeiro, ele atribuiu à deputada paranaense a preservação da unidade da legenda, tanto ao defendê-la quanto ao relacionamento com a militância.

Gleisi, porém, é apontada como um nome que deve voltar ao Palácio do Planalto para reforçar o time da articulação política com foco nos movimentos sociais. Ela seria o nome de preferência de Lula para ocupar, em breve, a Secretaria-Geral da Presidência da República, hoje sob o comando de Márcio Macedo — que pode ser remanejado para a presidência do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em substituição a Rodrigo Agostinho.

“Quando a Gleisi foi disputar a eleição do PT, muita gente não queria votar nela porque



Graças a Deus o partido compreendeu a necessidade de te eleger porque, se não fosse você, não sei se a gente teria um homem capaz de aguentar a barra que você aguentou defendendo o PT. Você é motivo de orgulho para mim”

Elogio de Lula à presidente do PT, deputada Gleisi Hoffman

era ‘estreita’. Diziam: ‘Ela é muito estreita, só fala para a bolha, não fala para ninguém’. Eu dizia: ‘Mas nós estamos precisando de alguém que fale para o PT. O bom presidente do PT não é aquele que fala para fora, é o que fala para dentro. É aquele que ganha a confiança do partido’. Depois que tiver confiança do partido, pode falar para fora. Mas, se não tiver confiança, não vai conseguir falar para fora”, frisou Lula.

“Graças a Deus, o partido compreendeu a necessidade de te eleger porque, se não fosse você, não sei se a gente teria um homem capaz de aguentar a barra

que você aguentou defendendo o PT. Você é motivo de orgulho para mim”, acrescentou Lula.

A deputada está na presidência do PT desde 2017 e é a primeira mulher a assumir o cargo. Seu mandato, porém, termina em julho. A possível ida de Gleisi para o Palácio do Planalto indica, também, que a sucessão no comando do partido estaria resolvida. E o nome mais forte para ocupar o posto é o de Edinho Silva, ex-prefeito de Araraquara e ex-coordenador de Comunicação da campanha presidencial de 2022.

Lula também deu indícios de

que a questão está pacificada e as resistências a Edinho, contornadas. “Estava conversando com o companheiro Edinho e o (ministro Alexandre) Padilha, dizendo para eles que parte da elite não suporta o PT”, disse o presidente, a certa altura do discurso.

Padilha, por sua vez, estaria de malas prontas para trocar, nos próximos dias, a Secretaria de Relações Institucionais pelo Ministério da Saúde, onde já esteve no primeiro governo de Dilma Rousseff. A mudança de postos basta ser oficializada, segundo fontes do Palácio do Planalto. Isso explicaria o desconforto que se pôde notar no rosto da ministra Nísia Trindade — colocada ao lado do provável sucessor —, durante todo o evento do PT.

Nas redes sociais, ela também dá a entender que se despede do ministério, ao apresentar balanço de ações e entregas que fez à frente da Saúde — salienta, sobretudo, o “marco histórico” de 1,35 milhão de cirurgias feitas pelo Programa de Redução de Filas, e 99% da fila de 2024 zerada.

Espaço para defender Janja das críticas

A comemoração dos 45 anos do PT teve espaço, também, para um desagravo de Lula à primeira-dama Janja. Ela entrou na berlinda em dois episódios: no primeiro, com o vídeo publicado pelo advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, na segunda-feira passada, no qual disse que o presidente está “isolado” — dando a entender de que Janja seria responsável pelo

afastamento; no segundo, com o comentário do ex-presidente Jair Bolsonaro, em evento do PL, no qual a menosprezou na comparação que fez com a ex-primeira-dama Michelle.

“Não sei se vocês perceberam, mas a Janja é a bola da vez. Para me atingir, eles começam a atacar a Janja. Graças a Deus tenho uma mulher com quem converso política. Ela não é uma pessoa que

tem medo de falar com o marido.

Lá em casa, foi assim com a Marisa (Leticia, ex-primeira-dama)”, disse. Lula também fez questão de mostrar que está bem disposto e “100% curado da cabeça” — salientou, referindo-se às cirurgias que fez para tirar coágulos no cérebro, por causa de um tombo no banheiro do Palácio da Alvorada. E exortou a militância do PT a intensificar o contato com

a base histórica do partido.

“Estamos atuando no dia a dia dos trabalhadores e das trabalhadoras? A verdade é que precisamos voltar a discutir política dentro das fábricas, dos locais de trabalho, ir aonde a classe trabalhadora está. É preciso que a gente volte a dialogar com a periferia, percorrer o Brasil, dialogar com as igrejas, gastar sola de sapato”, cobrou. (MS)

Caiado anuncia em abril pré-candidatura

» VANILSON OLIVEIRA

Apesar de estar ineleável, o governador Ronaldo Caiado (União), de Goiás, anunciou, ontem, sua pré-candidatura à Presidência da República, em 2026. Foi em uma publicação nas redes sociais, na qual convoca apoiadores a participarem do evento que confirmará seu nome, em 4 de abril, no Centro de Convenções de Salvador.

Em dezembro passado, o Tribunal Regional Eleitoral de Goiás (TRE-GO) condenou Caiado por abuso de poder político nas eleições municipais de 2024. Ele supostamente pediu votos, dentro do Palácio das Esmeraldas — sede do governo goiano —, em eventos de apoio

à candidatura de Sandro Mabel, em 7 e 9 de outubro, depois do primeiro turno das eleições municipais em Goiânia.

A sentença contra Caiado e Mabel foi emitida, em primeira instância, pela juíza Maria Umbelina Zorzetti, da 1ª Zona Eleitoral. Porém, cabe recurso ao TRE-GO e ao Tribunal Superior Eleitoral. Na semana passada, a Procuradoria Regional Eleitoral de Goiás manifestou-se favoravelmente à revisão das penas impostas a Caiado, sob a alegação de que os eventos no Palácio das Esmeraldas não tiveram impacto no resultado da eleição.

Caiado se lança à disputa presidencial num momento de vácuo na direita. Além de estar

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Governador lança, em Salvador, postulação à Presidência pelo União

ineleável, o ex-presidente Jair Bolsonaro foi denunciado por tentativa de golpe de Estado pela Procuradoria-Geral da República, na quarta-feira passada. E na sexta-feira, Gilberto Kassab,

presidente do PSD e secretário de Relações Institucionais do governo de São Paulo, afirmou que o governador Tarcísio de Freitas não disputará a Presidência, em 2026.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Maurenilson Freire



Um pouco de Marx para explicar as loucuras de Trump

O filósofo e historiador norte-americano Marshal Berman foi um pensador que perseguiu o humanismo ao longo de toda a sua obra, encerrada precocemente, em setembro de 2001, aos 72 anos. Em *As Aventuras do Marxismo* (Companhia das Letras), uma coletânea de artigos, alguns escritos após o fim do União Soviética, o autor refletia sobre o que ainda seria útil no pensamento de Karl Marx, ao qual dedicara boa parte de seus estudos, ao lado da interpretação da vida das cidades que mais amava: Paris, São Petersburgo e, sobretudo, Nova York.

Berman estudou e lecionou em Oxford e em Harvard, que considerava universidades “intelectualmente excitantes, mas socialmente solitárias”. Na década de 1960, mudou-se para a City University de Nova York, cidade onde nasceu e se tornou um dos principais impulsores da revista *Dissent*. Seu livro mais importante é *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar* (Companhia de Bolso), lançado em 1982, sobre o que chamou de “aventura da modernidade”.

Esse título não é uma simples frase de efeito. Berman mostra a relação entre a reconfiguração produtiva do capitalismo e as mudanças de comportamento de homens e mulheres nas cidades que considera protagonistas da modernidade. São Petersburgo foi planejada e construída para ocidentalizar o Império Russo. Inspirou a reforma urbana de Paris, que influenciaria as reformas urbanas pelo mundo, inclusive as do Rio de Janeiro e de São Paulo, na década de 1920.

No livro *Um Século de Nova York* (Companhia das Letras), Berman descreve a virada urbanística da megalópole ao longo dos 100 anos da Times Square. Seu olhar parte do cruzamento da Rua 42 com a Sétima Avenida, entre americanos e turistas, à sombra de arranha-céus e diante de um impressionante painel de outdoors, letreiros luminosos e anúncios eletrônicos. Avenidas, pessoas e signos, em ensaios que vão da agitação cultural da Broadway na década de 1930 ao poder financeiro das grandes corporações, tecem o caldeirão no qual nasceu o atual presidente dos Estados Unidos.

Donald Trump recebeu de seu pai, Fred Trump, em 1971, o controle da The Trump Organization e construiu um império imobiliário. Se meteu em quase tudo, fez maus e bons negócios, sempre na fronteira sinuosa da transgressão. Foi dono do concurso Miss USA, figurante em filmes e séries de televisão e apresentador e produtor do reality show *O Aprendiz* (*The Apprentice*), que pavimentou a carreira eleitoral. Em junho de 2015, anunciou a candidatura à Presidência pelo Partido Republicano. Em maio de 2016, assumiu a Casa Branca.

Herança de Reagan

O slogan de campanha de Trump, Make America Great Again (Torre e América Grande Novamente), abreviado como MAGA, surgiu na campanha presidencial de Ronald Reagan de 1980. Foi usado por Trump nas eleições de 2016, em meio a acusações de interferência russa a favor de sua campanha, e nas eleições de 2024. A remissão ao passado no imaginário popular é uma característica universal do pensamento reacionário. Para modernizar a economia dos Estados Unidos e enfrentar a China, Trump atropela quase tudo que obstrui suas intenções: as leis americanas, as democracias representativas, a institucionalidade da economia mundial e os organismos multilaterais pós-Segunda Guerra Mundial.

No dia da posse, 20 de janeiro, Trump assinou uma série de ordens executivas que viraram os EUA pelo avesso. Retirou-se da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Acordo de Paris; revogou o reconhecimento da ideologia de gênero; congelou novas regulamentações; demitiu servidores; criou o Departamento de Eficiência Governamental (entregue a Elon Musk) para reformar o Estado; removeu militares, investigadores e promotores que considera desafetos políticos; reclassificou Cuba como patrocinadora do terrorismo.

Também revogou sanções contra colonos israelenses; anulou regulamentos sobre inteligência artificial; dissolveu a Força-Tarefa de Reunificação Familiar; anistiou aproximadamente 1,5 mil manifestantes que depredaram o Capitólio, em 6 de janeiro de 2022, para impedir a posse de Joe Biden; tentou acabar com a cidadania por nascimento; e declarou emergência nacional na fronteira com o México. Trump adotou tarifas de 25% sobre importações do Canadá, do México e do aço brasileiro. Anunciou a intenção de anexar o Canadá, comprar a Groenlândia, tomar de volta o Canal do Panamá, fazer um resort na Faixa de Gaza e dividir a Ucrânia com Putin.

Fosse vivo ainda, Berman poderia começar a escrever o segundo volume de *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*, título retirado de uma passagem do famoso *Manifesto do Partido Comunista* (Boitempo), de 1848. Nele, Marx afirma que a burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, as relações de produção e, como isso, todas as relações sociais.

“Dissolve todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; e as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas”, destaca. Mais atual, impossível.